

ASSENTAMENTO ANGICO: HISTÓRIA LOCAL E IDENTIDADE

ANGICO SEALING: LOCAL HISTORY AND IDENTITY

Katiana Martins de Sousa¹
Marize Helena de Campos²

Resumo: Este capítulo tem como proposta revisitar a história do Assentamento Angico e nele alcançar aspectos de sua identidade. Nossa intenção é compreender e caracterizar os elementos formadores deste conjunto que recebe o nome de Assentamento Angico e conhecer mais da sua dinâmica no processo de mobilização igualitária na luta pela terra. Foram tratados assuntos como o acesso à terra como possibilidade de superação das precárias condições de vida até então experimentadas, o fato de consolidarem um lugar de moradia e trabalho e a possibilidade de acesso a serviços públicos como a educação, que a nosso ver se constitui como o maior um sonho para uma comunidade que almeja ver seus filhos em uma profissão melhor. Nesse sentido, aqui está um pouco da história do Assentamento Angico. Para tanto, foram utilizadas informações contidas nos registros da “história oficial”, Atas e documentos das instituições envolvidas na constituição do Assentamento Angico, bem como, e principalmente, nos registros orais dos próprios assentados no lugar, ou seja, nas narrativas feitas pelas próprias pessoas que vivem ou viveram no lugar desde a sua criação e que são os principais protagonistas deste estudo.

Palavras - chave: História. Reforma Agrária
Identidade

Abstract: This chapter aims to revisit the history of the Angico Settlement and to reach aspects of its identity. Our intention is to understand and characterize the elements that form this group, which is called the Angico Settlement and to learn more about its dynamics in the process of egalitarian mobilization in the struggle for land. Issues such as access to land were dealt with as a possibility to overcome the precarious living conditions experienced until then, the fact of consolidating a place of residence and work and the possibility of access to public services such as education, which in our opinion is constituted as the biggest a dream for a community that aims to see their children in a better profession. In that sense, here is a little bit of the history of the Angico Settlement. For this purpose, information contained in the records of the “official history”, Minutes and documents of the institutions involved in the constitution of the Angico Settlement were used, as well as, and mainly, in the oral records of the settlers themselves, that is, in the narratives made by themselves people who live or have lived in the place since its creation and who are the main protagonists of this study.

Keywords: History. Land reform; Identity

1 - Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú, 2020. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/7587540689270651>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3502-8277>. E-mail: katianamartins120@gmail.com

2 - Doutora em História Econômica FFLCH – USP. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) – UFMA. Colaboradora Doutorada do Centro de Humanidades CHAM/ Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-6237>. E-mail: marize.campos@ufma.br

Introdução

O capítulo que ora se inicia deriva da minha monografia (TCC) apresentada ao Curso de História – PARFOR – UFMA – Grajaú. Seu conteúdo teve a intenção de revisitar a história do Assentamento Angico e nele alcançar aspectos de sua identidade. Localizado na divisa entre Município de Sitio Novo e Município de Grajaú, Estado do Maranhão, o Assentamento Angico teve início quando 92 famílias apresentaram a necessidade de um lugar para sua sobrevivência. Dasquelas, apenas 70 foram assentadas, conseguindo, a partir de então, melhores condições para uma vida com dignidade e respeito.

Voltemos ao ano de 2001. Naquele ano muitas pessoas chegaram a Grajaú vindas de Davinópolis e Imperatriz e após formarem, sem êxito, uma Associação decidiram procurar o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que à época havia comprado a “Fazenda Angico”, uma terra considerada improdutiva com uma área registrada de 3.078.00ha (três mil e setenta e oito hectares) para solicitar a verificação de desapropriação da terra e sua futura desapropriação em favor das famílias.

Em 2002, algumas famílias de Grajaú integraram-se àquelas vindas de Davinópolis e Imperatriz motivadas pela possibilidade de conseguirem um pedaço de terra onde pudessem garantir a sobrevivência e dignidade de suas famílias formando assim um grande núcleo.

Tinha início a história do Assentamento Angico em Grajaú – MA.

Nas próximas páginas, você, leitor e leitora, vão encontrar uma história de luta, de uma gente e seu chão, da qual eu sou parte.

Terra Aguda flor
Em infinito parto Mestiça e nômade
Pólen que alimenta
Seu ventre
Sempre aguarda
Uma semente
A terra
É como um berço
Seu embalo
É o sopro
Do universo.
(Poemas sem Terra, Carlos Pronzato)

Aspectos da história do assentamento Angico

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), um assentamento rural define-se por ser um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário. Cada uma dessas unidades, chamadas de parcelas, lotes ou glebas, é entregue a uma família sem condições econômicas para adquirir e manter um imóvel rural por outras vias. A quantidade de glebas num assentamento depende da capacidade da terra de comportar e sustentar as famílias assentadas e o tamanho e a localização de cada lote são determinados pela geografia do terreno e pelas condições produtivas que o local oferece.

Embora haja um documento com uma listagem de 52 pessoas moradoras do Assentamento Angico onde há a inscrição de fundação datada de 03 de fevereiro de 2003, a tramitação legal para desapropriação da área, ocorreu de modo efetivo em 2005, quando no dia 09 de junho a Juíza Federal, Dra. Edna Marcia Silva Medeiros Ramos, expediu o Termo de Desapropriação para fins de Reforma Agrária como despacho contido nos autos da ação de desapropriação para os fins de Reforma Agrária, do processo nº 2005.37.01.01185-2, promovida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA contra a Construtora Freire Rezende, detentora até

então da posse e das benfeitorias edificadas no imóvel rural denominado “FAZENDA ANGICO”, com uma área registrada total de 3.078,00 há (três mil e setenta e oito hectares).

Deve-se destacar que, a Constituição Federal de 1988 permite à União desapropriar por interesse social o imóvel rural que não esteja cumprindo a função social, prevista no art. 9º da Lei nº 8.629/93 e que o decreto que declara um imóvel rural como de interesse social, para efeito de Reforma Agrária, autoriza a União a propor a ação de desapropriação e independente de se concordar ou não com o instituto da desapropriação, esta terá que ser feita dentro da mais absoluta legalidade, obedecendo aos procedimentos previstos em Lei.(OLIVEIRA, 2014). De acordo com Maria Sylvia Zanella Di Pietro (2012), a desapropriação é o procedimento administrativo pelo qual o Poder Público ou seus delegados mediante prévia declaração de necessidade pública, utilidade pública ou interesse social, impõe ao proprietário a perda de um bem, substituindo-o por justa indenização.

A finalidade do referido documento, constante nos Autos do Cumprimento de Sentença, era que fosse expedida uma Carta de Arrematação ou de Adjudicação e deferido o Mandado de Imissão na Posse em favor do arrematante ou do adjudicante, conforme a cópia apresentada a seguir.

Seis dias depois era expedido o citado Auto de Imissão na Posse, por ordem da mesma Juíza Federal da Subseção Judiciária de Imperatriz – MA, Dra. Edna Márcia Silva Medeiros Ramos consolidando a desapropriação do imóvel para fins de Reforma Agrária.

Assim, no dia 15 de junho de 2005, o Termo era lavrado e assinado pelo Bacharel Donato Barros Filho, Oficial de Justiça – Avaliador; pelo Doutor Daniel Pedrosa de Meireles, Procurador do INCRA Imitido, pelas Testemunhas as Senhoras Maria de Nazaré de Moura e Leila Pereira da Silva Ventura. Importante ressaltar que, acordo com o INCRA, Imissão na Posse é quando a Justiça concede a alguém, logo no início de determinado processo, a posse de algum bem. Quando o Incra é imitado na posse de um imóvel rural, por exemplo (ou, em outros termos, quando a Justiça concede ao Incra a imissão na posse de determinada área), significa que a autarquia pode dar início às ações de reforma agrária no local. (INCRA, 2009)

Outrossim, o Artigo 184 da Constituição Federal de 1988 traz em suas linhas os requisitos para a desapropriação por interesse social e fins de reforma agrária. Foi o que aconteceu para que o Assentamento Angico passasse a existir: “Morria” a Fazenda Angico, de propriedade da Construtora Freire Rezende Ltda, para em seu lugar nascer o Assentamento Angico, de propriedade do povo.

O próximo passo veio logo a seguir, com a “Certidão de Inteiro Teor”. De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural do Distrito Federal (SEAGRI – DF), a Certidão de Inteiro Teor é um documento emitido aos cidadãos que estejam em processo de regularização fundiária, e tem a finalidade certificar a existência de um processo, além de descrever a situação que o mesmo se encontra. Direito previsto no art. 46 da Lei Federal nº 9.784/1999, sua importância dá-se, também, por trazer a transcrição do Título Definitivo, tomando-se por base os Livros de Registros de Títulos Definitivos/Sesmarias, para uso exclusivo de registro ou retificação junto aos Cartórios de Registros de Imóveis.

No processo de criação do Assentamento Angico – Grajaú – MA, a Certidão de Inteiro Teor trouxe em sua primeira página a certificação e fé de elementos definidores de um lugar consciente de seu valor e necessidade de resguardo para os seus moradores. O documento menciona, com riqueza de detalhes, o Estatuto da Associação dos Trabalhadores Rurais de Angico, seus objetivos e ações.

Outra grande conquista foi a emissão do “Contrato de Concessão de Uso sob Condição Resolutiva”, que segundo Maria Sylvia di Pietro (2014) “é o contrato administrativo pelo qual a Administração Pública faculta ao particular a utilização privada de bem público, para que a exerça conforme a sua destinação.” O INCRA esclarece que sua importância se dá pelo fato de, por esse documento, oficializar, ainda que em caráter provisório (5 anos), o imóvel rural ao beneficiário da Reforma Agrária e assegurar aos assentados o acesso à terra, aos créditos disponibilizados pelo Incra e a outros programas do Governo Federal de apoio à agricultura familiar.

Localizado na divisa dos municípios de Grajaú e Sitio Novo, o Assentamento Angico

foi tipificado como P.A. Angico 1, ou, Projeto de Assentamento Federal, com uma demarcação de aproximadamente 2.670,00 hectares de área total. Atualmente o Assentamento Angico é ocupado por 70 famílias que concretizaram suas conquistas de acesso à terra como resultado e parte da história de luta pela terra no estado do Maranhão.

A construção das casas nos lotes do Assentamento Angico seguiu um caminho de batalhas registradas documentalmente nas Atas das reuniões ocorridas em 25 de junho e em 09 de setembro de 2008. De acordo com a Ata da reunião realizada no dia 25 de junho de 2008 no Assentamento Angico, o assunto a ser tratado era a construção das 70 casas. Naquela ocasião, o Presidente da Associação, sr. Ireneo esclareceu os sócios que havia ido a São Luís fazer um pedido ao Senhor Benedito Terceiro, superintendente do INCRA – MA que foi atendido e voltou com a garantia dos seus projetos que eram: 25 km de estrada, 25 km de energia, um telefone “orelhão, um poço artesiano e a construção da Escola.

Dois meses e meio depois, em 12 de setembro de 2008, uma nova Assembleia foi realizada para tratar da liberação de 15 mil reais para terminar a construção de trinta casas ficando 25 mil reais para ser liberado após a vistoria dos técnicos do Incra da unidade de Imperatriz – MA. Sobre isso, o sr. Ismael Martins de Sousa, 37 anos, morador no Assentamento Angico diz, mostrando conhecer como aquele momento aconteceu:

Eles primeiro fizeram aqui, um levantamento na área, junto com o seu Diassis, que conhecia toda a área, aí saiu nos perímetro da terra onde tava os pontos da divisa e eles fizeram um levantamento eles dois. Aí o geo (geoprocessamento do INCRA), aí eles fizeram para poder jogar o geo no sistema que é para poder vir o documento da área, tá entendendo? (...)

Na organização do Assentamento Angico as casas foram construídas umas perto das outras e em integração ao conjunto encontra-se a Igreja, o poço, o riacho, a Escola.

Para se ter uma dimensão geográfica e de divisão espacial do Assentamento Angico foi feito um mapa feito sr. Gilvan Jorge de Sousa, morador no Assentamento. O mapa mostra de forma precisa onde estão localizadas as casas, suas respectivas numerações e os nomes de seus proprietários, ou seus apelidos. Situa também a área comum do Assentamento, onde futuramente será construído o Posto de Saúde. Para a sua elaboração, o sr. Gilvan seguiu a demarcação do Incra naquilo que o Instituto denomina de “Certificação de Imóveis Rurais”. Essa Certificação foi criada pela Lei 10.267/01 e todo processo é feito exclusivamente pelo Incra. O documento é exigido para toda alteração de área ou de seu(s) titular(es) em Cartório (de acordo com os prazos estabelecidos no Dec. 5.570/05) e corresponde à elaboração de uma planta georreferenciada deste imóvel.

Dessa forma, o mapa serviu tanto para o controle para o Instituto quanto para os donos localizarem os seus lotes, pois nele estão representados os números dos lotes e os nomes, ou apelidos, das pessoas, as quais está atribuída o pedaço da terra.

De acordo com o mapa feito pelo sr. Gilvan e o Georreferenciamento do INCRA (Geo), as divisões foram assim definidas: o 1º lote é de seu “Diassis”; o 2º, de “Ribinha”; o 3º, de “Leó”; o 4º, de “Cicero”; o 5º, de “Francisca Freitas”; o 6º, de “Onízio”; o 7º, de “cabeludo”; o 8º, de “Gildo”; o 9º, de “Gilvan”; o 10º, de “Lorinha”, o 11º, de “Lucas”, o 12º, de “João batista”; o 13º, “o lote do assentamento”; o 14º, de “Marcelo”, o 15º, de “Cleane”; o 16º, de “Reinaldo”; o 17º, de “Tomás”; o 18º, de “Davi”; o 19º, de “Lourival”; o 20º, de “Getúlio”; o 21º, de “Rubi”, o 22º, de “Tático”, o 23º, de “Alan”; o 24º, de “Zé Carlos”; o 25º, de “Marilene”; o 26º, de “Vinicius”; o 27º, de “Ismael”; o 28º, de “Francisca Vieira”; o 29º, de “Bodega”, o 30º, de “Vaglan”; o 31º, de “Francisco”; o 32º, de “Rosivaldo”; o 33º, de “Robe”; o 34º “João Grande”; o 35º, de “Zé de Óculos”; o 36º, de “Lambaia”; o 37º, de “Mateus”; o 38º, de “Lima”; o 39º, de “Raimundo socorro”; o 40º, de “Antenor”; o 41º, de “Pastor Matos”; o 42º, de “Chapéu de couro”; o 43º, de “Nilva”, o 44º, de “Carijó”; o 45º, de “Luisão”; o 46º, de “Roberto”; o 47º, de “João bigode” e o 48º, de “Carmelita”.

Alguns lotes chegam até o riacho Faca e o rio Grajaú e outros chegam o Riacho Angico

Velho. O lote no.13 “do Assentamento”, é um terreno reserva para ser construído futuramente um Posto de Saúde e a Casa da Farinha.

Outra observação diz respeito a localização da Igreja e da escola. Ambas estão situadas na Rua Principal do Assentamento. Mas o Assentamento Angico também pode ser conhecido “de cima”. Com a tecnologia do Google EARTH (um navegador com o qual se pode visualizar todo o planeta) imagens são capturadas por satélites, com uma notável qualidade, como a registrada abaixo que mostra a estrada de acesso ao Assentamento, as divisões das ruas (quatro, ao todo), as casas dos moradores, o campo de futebol, a Igreja e a Escola do Assentamento Angico. A estrada (que não tem nome) leva ao assentamento a partir do seguinte percurso: na BR 226, entra-se na altura do “Gato Preto” e a partir dali segue-se neste caminho passando pela Fazenda Santos e a Fazenda Pires para então chegar ao Assentamento Angico.

Adentrando o cotidiano do Assentamento Angico, constata-se que muito da sua organização passa por decisões, grande parte das vezes, tomadas nas Assembleias da “Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Angico”. É inegável que a Associação foi se tornando cada vez mais uma importante instância para que os assentados tenham conhecimento e sejam esclarecidos, entre outros assuntos, dos benefícios, dos programas assistenciais e dos créditos proporcionados pelos órgãos gestores da política agrária municipal, estadual e federal e o/a presidente é a liderança que, entre outros, faz a ponte entre a comunidade e os órgãos públicos.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro 2006, portanto um ano após a legalização pelos documentos acima apresentados, foi realizada uma Assembleia extraordinária para eleição da nova diretoria do Assentamento Angico, tendo por pautas adicionais a alteração da razão social e do município de localização. Em sua Ata foram registrados assuntos que nos descortinam um pouco mais do dia-a-dia vivido no Assentamento. A Assembleia contou com a presença do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Sítio Novo do Maranhão, que leu o Edital e falou para os “sócios” sobre a falta de união entre eles e a necessidade de se unirem para “arrumar a situação” acrescentando que, o espaço do Assentamento ficava dentro do município de Grajaú e não de Sítio Novo e não era para brigar, mas sim para eleger “um” novo Presidente da Associação. De acordo com a Ata, foi apresentado como candidato o senhor Lourival que não teve aceitação dos sócios.

Depois de uma pequena discussão entre os sócios, o senhor Neto falou que os sócios estavam errados e que o senhor Lourival podia ser candidato, ao que o Presidente do sindicato disse que o Incra não aceitava. A assembleia terminou com a eleição do sr. Ireno Araújo Rodrigues. Atualmente a presidência da Associação está sob o cargo da lavradora, Dona Maria Romana Jorge de Souza.

Conhecendo a história de fundação do Assentamento a partir de dados oficiais apresentaremos no próximo capítulo um olhar mais para “dentro” daquele espaço, procurando conhecer melhor sobre o dia-a-dia dos seus moradores.

Assentamento angico: espaços e vivências

Olhar o Assentamento para além dos mapas e registros é reconhecer a vida que ali transcorre dia-a-dia. Plantar, colher, construir, estudar, lavar, rezar e festejar são algumas das ações diárias que fazem parte da dinâmica local e a ele conferem uma identidade própria. Ou seja, como o título assinala: os espaços e vivências no Assentamento, a partir de espaços coletivos e seus usos. Para tanto, tomamos como baliza o conceito de espaço definido pelo geógrafo Milton Santos como sendo um conjunto de configurações espaciais e dinâmicas sociais (SANTOS, 1988). Contemplamos especialmente: a Escola, as religiões, o poço, o campo de futebol e a medicina natural.

(ESCOLA) A Escola do Assentamento Angico está localizada no centro da comunidade e recebe o significativo nome de “Novo Horizonte”. Qualificada como Escola pública Municipal e Rural, sua existência remonta uma luta travada em busca do direito à educação no Assentamento, isso porquê ali, inicialmente não havia Escola. Entendendo a importância

da Escola na vida de uma pessoa e movidos por essa preocupação, a comunidade junto com o então Presidente da Associação de Moradores do Assentamento Angico, o Senhor Jose Erivam Moura Sousa e seu irmão, se uniu em prol da implantação de uma unidade educacional no espaço do Assentamento.

Em um primeiro momento, o Senhor Erivan, com o apoio da comunidade, começou a ensinar aquelas crianças e adolescentes. Outras pessoas também foram integrando e ajudando como educadores leigos, pois nem todos tinham concluído o Ensino Médio, sendo que alguns tinham somente a 5ª. série. Ainda assim, com empenho e determinação, durante o dia ensinavam as crianças e à noite ensinavam os adultos sob a luz do lampião.

A escola funcionava em uma casa da Associação, pois não tinha um lugar próprio, era apenas um peitoril de “tabuinhas”. Tempos depois, a Escola passou a funcionar em um barraco coberto de palha e com chão batido. Mais uma vez com a ajuda do Presidente da Associação o sr. Erivan, alguns materiais como cadernos, livros, lápis etc. foram conseguidos como doação da Secretaria de Educação de Davinópolis, município do Maranhão e de onde vieram muitas pessoas que foram assentadas no PA Angico.

Segundo informação das pessoas, o sr. Erivam tinha a intenção de colocar o nome da Escola de “Radionópolis”, nome da antiga Associação que não havia dado certo, mesmo nome que desejava colocar no Assentamento Angico. Como o terreno não pertencia a Davinópolis logo após a saída do Presidente sr. Erivam (que foi chamado para trabalhar na prefeitura de Davinópolis) um novo Presidente para a Associação foi eleito, o senhor Alfredo Marinho Neto.

Este, viu a necessidade de procurar ajuda para que a Escola crescesse e os estudantes tivessem a oportunidade de estudar de forma digna e institucional, pois mesmo reconhecendo a ajuda da comunidade o certo é que não a Escola não contava no seu conjunto de “professores” com nenhum profissional qualificado para ensinar além da Escola não ser também reconhecida pelo MEC.

Contando com a ajuda do Vice-Prefeito de Grajaú os assentados procuraram ajuda do então Prefeito, o sr. Mercial Lima de Arruda que, manifestando a preocupação em ver as crianças em uma sala de aula com infraestrutura adequada e normatizada pelos órgãos competentes, mandou sua equipe para a Associação fazer um levantamento da quantidade de alunos. Foi então que o nome da escola passou a ser “Escola Municipal Novo Horizonte” e houve a contratação pela Prefeitura de Grajaú da professora Sylvania Jorge de Sousa, hoje formada em Pedagogia, para assumir a regência das salas.

Este foi, de fato, um significativo passo conquistado para a comunidade, pois seus filhos, a partir de então, poderiam estudar e provar seus estudos no fim do ano. A professora Sylvania trabalhou durante três anos no Assentamento e teve pouco suporte para trabalhar na Escola.

Naquele intervalo de tempo foi oferecido para os professores das áreas rurais o programa de capacitação “Pró Formação”.

O programa era desenvolvido em um regime de estadia de 15 dias durante as férias e durou dois anos, sendo todos os gastos pagos pela Secretaria de Educação, mas, mesmo com capacitação a Secretaria não fornecia material para se trabalhar em sala de aula, tornando o ensino muito complicado, além das condições estruturais do prédio da Escola, pois quando chovia molhava tudo. Tal conjunto de situações levaram a professora Silvânia a procurar ajuda, todavia sem resposta às suas tentativas acabou tomando a decisão de sair da Escola em 2007.

Em 2008 e 2009 a Escola teve uma pequena ajuda da Secretaria de Educação do município de Grajaú, que resultou na construção de uma pequena sala de aula de meia parede e cobertura de telha “Brasilit”. Naquele momento foram para o Assentamento as professoras contratadas, Adélia Hayde Melo Bezerra e Cleidiane Santos Chave que lecionaram durante aqueles dois anos.

No ano de 2010 a prefeitura de Grajaú iniciou a construção de um novo prédio para a Escola Novo Horizonte. O prédio, composto por uma sala grande, cantina, sala de diretoria, um banheiro e uma área livre, que devido a quantidade de alunos é também utilizada como sala de aulas. Depois de construído e inaugurado o novo prédio, houve novas contratações de Professores, aumentou o número de alunos e as series, passando então a Escola a trabalhar com Ensino Infantil I e II, Ensino Fundamental Menor, do 1ª ao 5ª ano, e Ensino Fundamental

maior, do 6^a ao 9^a ano. Quanto ao quadro de funcionários este também foi ampliado e de 2010 até 2019 é formado pelas Professoras: Edilene de Mota Silva, Vaguelans Soares Pereira, Maria Silvana S. da Silva, Dimaria Ferreira de Barros, Katiana Martins de Sousa e Mayara Santos Ribeiro; a Diretora Janyury R. Siqueira; a professora do EJA, Dona Marilene Viera dos Santos e a zeladora Dona Julia dos Santos Araújo.

A Escola Novo Horizonte, hoje está muito bem organizada, contando inclusive com caixa e em breve serão construídas mais duas salas, para que os alunos possam estar bem em cada sala, pois ainda existe o “multisseriado”, devido à falta de mais salas. Não há como negar que, se comparada há anos atrás, hoje a Escola Novo Horizonte está muito melhor. Isso nos enche de esperança para que, em um futuro bem próximo, mais assentados, como eu possam também chegar a um curso universitário e consolidar um sonho.

(RELIGIÕES) Inicialmente, a religião predominante no Assentamento era a católica sendo apenas a família do Senhor Raimundo Nonato de Araújo Morais de evangélicos, que evangelizavam em algumas fazendas.

O primeiro batizado católico no Assentamento ocorreu no dia três de novembro do ano de 2007 pelo padre Pe. Constante Gualdi, então da Paróquia São Francisco de Assis – Diocese de Grajaú. Como não havia Igreja, a cerimônia foi realizada na “Escola Municipal Novo Horizonte”, que a época ainda era de chão batido e coberta de telhas “brasilit”.

A evangelização no Assentamento sob os preceitos evangélicos começou efetivamente com a chegada de dona Francisca Freitas e de dona Maria Costa e com o passar do tempo aquela religião também passou a ser aceita dentro da Associação. A partir de então, as pessoas começaram a realizar cultos em suas casas, por ainda não havia um local atribuído para a construção de uma Igreja evangélica. Por esta época, o senhor Raimundo Nonato passou a evangelizar dentro da Associação e não demorou para ganhar um terreno para a construção do templo religioso.

Em um primeiro momento, como havia condição monetária para construir uma sede onde a Igreja pudesse funcionar decidiu-se por fazer uma pequena casinha para os seus fiéis, que o passar do tempo teve a sua quantidade aumentada. A par deste crescimento, eventos foram feitos para arrecadação de dinheiro e alguns políticos foram solicitados para ajudar e o fizeram. Hoje a Igreja evangélica “Assembleia de Deus” já se encontra construída contando com uma casa paroquial. Recentemente o Pastor Raimundo Nonato de Araújo Morais foi transferido do Assentamento para congregar em outro povoado, desde então o Pastor Antônio Pereira Matos tem dado continuidade aos cuidados do seu “rebanho”.

(Poço) Outro destaque no cotidiano do Assentamento Angico diz respeito ao poço. De acordo com alguns moradores, antes das pessoas chegarem no lugar tudo era mata e a água do Riacho Faca quase não secava, nem mesmo no verão. A água era limpa e bem fria servindo para fazer comida, tomar banho, beber, lavar roupas e todas as necessidades da comunidade. Era um tempo em que se pegava até peixes e quando haviam as enchentes do Riacho Faca as águas chegavam bem perto das casas. Outra prática comum era as pessoas colocarem as macaxeiras de molho na água do Riacho para fazer farinha.

Quando as pessoas começaram a chegar em maior número e fazer seus barracos provocando um significativo desmatamento, o Riacho Faca começou a secar. Sentindo a necessidade da água, os moradores construíram uma cacimba orientados pela técnica popular do “uso da galha de goiabeira” para identificar onde havia água. E começaram a cavar as cacimbas, que de três em três meses tinham que passar por uma intensa limpeza, por sujar muito rápido já que não tinham como fechar. Mas as cacimbas não eram suficientes para toda a comunidade que sofria com a constante falta de água.

Disso resultou que a própria comunidade resolveu fazer um poço “boca aberta”. Somando os assentados que tinham condições e outros que pediram as manilhas para os vereadores de Grajaú foram abertos 6 “poços boca aberta” dentro da comunidade. Mas, ainda assim a seca, em certas horas do dia, continuava, assim como continuava a necessidade de água para todos os assentados.

Certo é que entrava Presidente e saía Presidente e a situação não era resolvida. Foi com a presidente, Dona Maria Romana Jorge de Sousa, que a solução foi encontrada e a construção

de poço artesiano finalmente concretizada.

Para os assentados, que viviam uma luta diária com falta de água, foi uma vitória gratificante e muito comemorada.

(Campo de futebol) No Assentamento não há muitas opções de lazer sendo um dos seus pontos de ludicidade e sociabilidade o campo de futebol. Situado perto da casa do sr. Francisco, também conhecido como o sr. “De Assis”, o campo é muito utilizado aos domingos pelos moradores que, mesmo sem um time oficialmente formado, promovem torneios e disputas de futebol amador com jogadores de regiões próximas.

(Alimentação) No dia-a-dia do Assentamento Angico, a agricultura familiar e a produção de alimentos destinados à subsistência garantem grande parte do sustento das famílias. Nessa dinâmica, a produção de alimentos ocorre na própria unidade familiar possibilitando uma redução das despesas com compra de alimentos e ao mesmo tempo garante a “segurança alimentar” das famílias.

Algumas pessoas têm no fundo do seu quintal o “canteiro”, onde normalmente plantam o tomate, o cheiro verde, cebolas, pimenta de cheiro, coentros, macaxeira, entre outros. Na roça, a plantação é maior e os alimentos comumente plantados são macaxeira, arroz, feijão, milho, fava, entre outros.

O plantio segue o conhecimento popular e tradicional das épocas. No mês de dezembro, a terra que já foi “queimada” está coberta pelo mato aguardando a capina e o plantio do arroz, que é o período melhor para o cultivo e assim se dá com o período melhor para cada cultivo. Conhecimento que passa de “pai para filho”, no Assentamento. Quanto as frutas, a banana, a acerola e o limão são as mais comuns na mesa dos moradores de Angico.

Além dos alimentos produzidos nos quintais e nas roças, há no Assentamento Angico alguns comércios que vendem gêneros alimentícios de outra natureza. Neles o assentado pode comprar “de tudo um pouco”, como: salsichas, linguças, sardinha, mortadela, iogurtes, salgadinhos, refrigerantes, cadernos, copos descartáveis, entre outros produtos industrializados.

(MEDICINA POPULAR – NATURAL) A tradição de usar remédios caseiros para a cura de doenças comuns como gripes, “inflamação da mulher”, pressão alta, febre, diabetes, pequenos cortes, picada de cobras, resfriados, dores de barriga, vermes, cicatrização de feridas, partos, pós-partos e outros, está presente em todos os lares do Assentamento Angico.

O conhecimento e uso das folhas e plantas para a cura doenças vem de muito longe, vem dos nossos antepassados e como parte desse revisitar a história do Assentamento Angico vamos apresentar aqui, alguns aspectos dos saberes locais, a partir do apontamento de algumas plantas e seus usos como remédios caseiros tradicionais pelos moradores da comunidade. De modo geral, no Assentamento, as folhas e plantas medicinais usadas para tratar enfermidades do cotidiano são feitas com plantas locais cultivadas nos quintais, ou nascidas espontaneamente nas matas, como chás, xaropes, compostos, “lambedores” ou “garrafadas” feitos por folhas e cascas, sendo as mais recorrentes: folha do pé de algodão, o “Assa Peixe”, o “Açoita Cavallo, a casca da Sambaiba (simbaíba), o “Cipó de Escada”, as folhas de Gervão, a babosa, o “Capim de Cheiro”, a Erva-cidreira, a “Fava de Jucá”, o boldo, o mastruz e a hortelã. Acreditamos que o uso dessas folhas e plantas revelam importantes conhecimentos, alternativas para a falta de médicos e medicamentos e que existe uma história muito antiga por trás desses “remédios”.

A História do assentamento segundo os seus moradores

O tópico que agora se inicia tem como objetivo falar da história e da identidade do Assentamento Angico a partir de informações concedidas pelos próprios assentados. Os dados contidos nas Atas e demais documentos, que tivemos acesso alcançam outros sentidos e complexidades quando aquelas mesmas informações são contadas pelos próprios moradores.

No caso desta pesquisa, os registros decorrentes das entrevistas feitas com os moradores do Assentamento têm o compromisso de dar voz àquelas pessoas, até então anônimas, e dar estatuto de documento às suas falas. E essas falas, não são narrativas que contam o que

exatamente ocorreu, mas são narrativas daquilo que viveram, suas lembranças daqueles momentos a partir de sua própria experiência e memória guardada.

A história do Assentamento Angico, segundo os moradores, antes de se tornar Assentamento era uma Fazenda de propriedade de uma empresa construtora chamada “Freire Rezende” com uma área de três mil e setenta e oito hectares de terra. São muitas e ricas em detalhes as histórias deste lugar que agora apresento na sua totalidade após as entrevistas feitas.

A primeira delas foi feita com o senhor Francisco Sousa dos Santos, 65 anos, mais conhecido por “Vinte Anos” ou sr. “De Assis”, por morar há mais de vinte anos “dentro dessa terra”, com sua esposa Madalena e seus filhos.

Em sua fala, o sr. Francisco nos conta sobre sua trajetória de vida, como chegou nessa terra. Por não ter onde morar com sua família, viu a necessidade de morar em um lugar que não tinha ninguém, a não ser os fazendeiros ao redor. “De Assis” lembra que para chegar até a cidade, para comprar alguma coisa, tinha que andar quilômetros, a pé ou de animal, não havia Escola para seus filhos e os remédios eram muito difíceis, fazendo com que os tratamentos fossem muito mais a base de receitas caseiras de medicamentos que a sua mulher conhecia. Conta também que foi o primeiro a fazer uma Casa de Farinha para o sustento da sua família. Uma renda que deu muito certo para ele, embora tivesse muita dificuldade em levar a farinha até os compradores, mas com a ajuda da sua esposa e companheira ele conseguia também trabalhar na roça de onde os dois tiravam o arroz, o feijão e muitos outros alimentos cultivados no seu quintal, como pé de laranja, coco, tanja e outros.

Com a chegada dos assentados ele viu a possibilidade de o local crescer e ganhar infraestrutura e assim seus filhos poderiam finalmente estudar. E foi isso que aconteceu: a estrada foi feita, carros começaram a andar por lá, já era possível transportar sua farinha com mais facilidade para a cidade e tudo ficou “bom demais”, a seu ver até hoje só melhorando. Em relação ao INCRA pediu desculpas, mas não gosta de fala sobre esse assunto.

Agradei por ter aceitado fazer essa entrevista comigo e disse-lhe que foi um prazer ter ouvido sua história e de sua esposa destacando como foram corajosos em aceitar um desafio tão grande que é ir em busca de um lugar para morar com sua família e ter mostrado para cada um deles o valor da vida e dos bons caminhos.

Nas demais entrevistas, optou-se por outra forma de abordagem com o único sentido de ampliar as possibilidades de respostas. Não houve um roteiro igual para todos os entrevistados e entrevistadas. Deixando-me guiar, no papel de entrevistadora, pela sensibilidade e conhecimento das pessoas com quem há muitos anos convivo, as perguntas foram feitas.

Entrevista dona Maria Romana Jorge de Sousa, 58 anos.

Entrevistador: Dona Maria, me diga, desde quando você está no Assentamento?

Romana: *Eu cheguei desde de 2003 estou aqui.*

Entrevistador: Qual a sua primeira lembrança quando chegou aqui?

Romana: *Eu lembro do acampamento, um barraco de lona, uma situação muito difícil... o vento vinha e levava os barracos. Não foi fácil, até pra assentar nos aqui foi com muito anos.*

Entrevistador: Como era o trabalho, no início?

Romana: *Não foi fácil, mas a gente ia plantado os pedacinhos..... arrumava um pouquinho de semente, plantava um pedacinho, arrumava um outro pouco era assim que a gente vivia.*

Entrevistador: E hoje, como está a situação de vocês aqui?

Romana: *Ah, hoje tendo em vista do que passei, mudou muito! Agora temos como sobreviver.*

Entrevistador: O INCRA tem vindo aqui dar assistência? e como a senhora analisa o trabalho do INCRA?

Romana: *Nem sempre. No começo sim, mas agora estamos sozinhos. Em relação ao trabalho deles tem que melhorar.*

Entrevistador: Muito obrigada.

Entrevista com dona Maria dos Anjos Martins de Sousa, 61 anos.

Entrevistador: Senhora Maria, como era sua vida aqui no Assentamento, no início?

Dos anjos: *Em barraco de lona. Durante muitos anos passamos por essa situação.*

Entrevistador: Como era o trabalho no início? Houve ajuda por parte de INCRA?

Dos anjos: *As primeira assim, teve ajuda do INCRA não de jeito nenhum. A gente ia plantando os pedacinho, assim, arrumava um pouco aqui e ali.*

Entrevistador: E como está a situação de vocês aqui hoje?

Dos anjos: *Hoje até que a gente estamos bem, já estamos numa casa, tem água, tem escola para nossos filhos e muitas outras coisas*

Entrevistador: O que vocês produzem?

Dos anjos: *Temos uma pequena criação de gado, galinha e da roça termos o arroz, feijão, milho, e assim que conseguimos viver sem passar muita necessidade aqui no Assentamento.*

Entrevistador: O INCRA tem vindo aqui dar assistência? Como a senhora analisa o trabalho do INCRA?

Dos anjos: *Bom, o INCRA às vezes vinha aqui, mas agora esqueceu da gente. Eu gostaria que eles olhasse mais a gente aqui, então na minha análise ele tem que muda muito.*

Entrevistador: muito obrigada pela entrevista.

Entrevista com dona Maria Moura da Silva, 50 anos

Entrevistador: Dona Maria, como era a vida aqui no assentamento, no início do Assentamento Angico?

Maria: *Vivíamos no barraco de lona.*

Entrevistador: Hoje você tem uma casa? Como é a sua vida hoje?

Maria: *Ah... hoje vivemos muito bem, temos a nossa casa, conseguimos através do INCRA mudou muito para melhor, lógico.*

Entrevistador: Qual é a sua avaliação a respeito do INCRA?

Maria: *Acho que o papel do INCRA ainda não foi cumprido 100%, falta muito para ele está quite com os associados.*

Entrevistador: Muito obrigada.

Entrevista com o senhor Cícero Brito França, 55 anos.

Entrevistador: O senhor tem informação sobre a sua situação no Assentamento hoje?

Cícero: *O que eu sei é que, graças a Deus, estamos mais seguros em relação as terras. É nossa e não temos que sai da aqui.*

Entrevistador: Como o senhor avalia o trabalho do INCRA no Assentamento?

Cícero: *Acho que ele deveria ver mais a nossa situação, está mais presente dentro do assentamento seria muito importante para a comunidade.*

Entrevistador: A que o senhor atribui essa falta do INCRA com a Associação?

Cícero: *Falta de união com a gente, acha pelo simples fato de sermos associados não temos direitos, apenas deveres.*

Entrevistador: Quantas famílias moram dentro Assentamento hoje?

Cícero: *Temos setenta família.*

Entrevistador: Muito obrigado.

Entrevista com dona Maria de Jesus Martins de Sousa, 34 anos.

Entrevistador: A senhora lembra quantas família entraram nas áreas e quantas tem hoje?

Maria de Jesus: *Chegaram aqui cerca de 120 família, mas hoje temos apenas 70 família.*

Entrevistador: Nos primeiros anos o que você plantou dentro da terra?

Maria de Jesus: *Tinha uma produção diferenciada, uns planta apenas arroz, feijão e outras coisas, a mandioca etc...*

Entrevistador: A senhora tem conhecimento das ações que tramitam nessa área?

Maria de Jesus: *Não de tudo, mas sei mais ou menos. A gente faz assembleia com a comunidade e ficamos sabendo através da nossa presidente.*

Entrevistador: Muito obrigada.

Entrevista com o senhor Antenor Pereira de Sousa, 57 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo você mora no Assentamento Angico?

Antenor: *Desde de 2002. No começo, quando chegamos aqui era apenas matas. Ficamos embaixo de árvore, começamos a faz barraco de lona para ficamos mais protegido de chuvas.*

Entrevistador: Como o senhor veio para cá?

Antenor: *Minha vizinha me convidou. Falou que tinha essa terra, aí então resolvi vir pra cá*

a procura de uma vida melhor, porque sem estudo não temos muita chance na cidade em relação a emprego e casa própria.

Entrevistador: Como são as suas lembranças daqui em anos atrás?

Antenor: *Nossa são lembranças... vamos lembrar... muito difícil, mas acima de tudo boas, olha aonde chegamos, com tantas lutas por uma vida melhor e conseguimos.*

Entrevistador: E agora como está a vida?

Antenor: *100% melhor.*

Entrevistador: Muito obrigado.

Antenor: *Foi um prazer.*

Assim, finalizamos as nossas entrevistas. Posso dizer que foi muito gratificante para mim, pois foram entrevistadas várias pessoas do Assentamento Angico. Devo dizer que as entrevistas foram gravadas em meu próprio aparelho celular, modelo SAMSUNG J5 PRIME, e todas as pessoas entrevistadas foram previamente informadas do motivo pelo qual iriam dar as entrevistas. Assim também foi feito após a entrevista, com uma explicação de como as informações repassadas iriam constar na monografia de conclusão do Curso de História – PARFOR – UFMA – GRAJAÚ. Todos os avisos foram dados às/aos entrevistados no momento das visitas às suas casas no Assentamento. Nenhum se opôs e todos concordaram com a autorização.

Conclusão

A criação do Assentamento Angicos, em Grajaú – MA, possibilitou o acesso à terra a muitas pessoas que não tinham acesso à terra e viviam em dificuldades econômicas sem perspectivas de um bom futuro para sua família. Ainda que em “pedacinhos”, palavra que os entrevistados usaram muito, o que fica da leitura destas ricas respostas são de fato, preciosos “pedacinhos” das histórias de vida e nas narrativas de memórias dos assentados.

Talvez essa conclusão seja diferente, porque eram 18:55h do dia 08 de dezembro de 2019, quando em uma conversa sobre o final deste TCC a Professora Marize Campos, minha orientadora, me perguntou: - E para você, Katiana, o que é o Assentamento Angico?

Transcrevo aqui a minha resposta, por entender que essa será a minha melhor forma de encerrar este Trabalho de Conclusão de Curso de História – PARFOR – UFMA. Contar a minha própria história, a minha memória do Assentamento.

Para mim, o Assentamento Angico, em primeiro lugar, foi uma oportunidade do meu pai conseguir uma terra, pois até aquele momento ele vivia em fazendas das outras pessoas, onde ficava um certo período e depois saía por vontade do próprio dono que deixava de querer as famílias em sua propriedade. Então, quando ele conseguiu o terreno no Assentamento, eu ficava com a minha irmã estudando na cidade e ele foi. No começo eu não fui. Foi uma oportunidade que o meu pai teve de conseguir uma terra e hoje eu conheço muitas pessoas, muitos moradores, claro que tem dificuldades como em qualquer lugar, teve situações que fizeram quase a gente desistir, mas a gente vê a luta de cada pessoa de lá, vê o cotidiano, o esforço que cada um tem, as suas necessidades em ter uma educação melhor, em dar um futuro melhor para os seus filhos, uma estrutura financeira melhor, porque hoje em dia quem tem um pedaço de terra tem como produzir alguma coisa... Então, no Assentamento Angico eu aprendi a convivência coletiva, aprendi a respeitar as diferenças de cada um, as lutas que cada um tem na sua vida diária, fazendo daquele lugar um lugar de importância fundamental para mim, porque lá também, eu e minha família passamos por situações ruins e boas e até hoje o meu pai continua lutando lá dentro para ter uma vida melhor, ou como a gente fala, uma vida melhorada. Mesmo que, como eu disse, no começo a gente tenha sofrido muito preconceito, que até hoje sofremos um pouco, mas tudo foi fundamental para conseguir algo.

Por fim, quero dizer que, o que este trabalho mostrou são, acima de tudo, histórias de uma terra e de vidas nessa terra. Histórias que ensinam sobre coragem, solidariedade, lutas, alegrias, durezas, insistências... Histórias que compõe o Angico.

O Angico é um chão, um chão de gente que trabalha diariamente a tão sonhada terra que

agora podem chamar de “minha terra”, “minha casa”.

Referências

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **IDENTIDADES DOS CAMPONESES ASSENTADOS NO TERRITÓRIO CANTUQUIRIGUAÇU, PARANÁ-BRASIL**. Mercator (Fortaleza) [online]. 2015, vol.14, n.1, pp.77-88

COSTA, Wagner Cabral da. Novo Tempo / **Maranhão Novo**: Quais os tempos da Oligarquia? In. SOUSA, Moisés Matias Ferreira de (org.). Os outros segredos do Maranhão. São Luís: Editora Estação Gráfica, 2002. p. 13-24.

DONNER, Sandra Cristina. **História Local**: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. XI Encontro Estadual de História. ANPURS, Anais Eletrônicos, FURG, 2012.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

CORREIA FILHO, Francisco Lages. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão**: relatório diagnóstico do município de Grajaú / Francisco Lages Correia Filho, Érico Rodrigues Gomes, Ossian Otávio Nunes, José Barbosa Lopes Filho. - Teresina: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2011.<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>

INCRA. 2009. <http://www.incra.gov.br/oqueeimissaonaposse>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. E INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1995/96.

MANÇANO, B. MST. **Formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo, HUCITEC, 1989.

OLIVEIRA, Sílvio Lacerda de. **Procedimento de desapropriação para fins de reforma agrária**. 2014.<https://jus.com.br/artigos/37324/procedimento-de-desapropriacao-para-fins-de-reforma-agraria/1>

PIETRO, Maria Sylvia Zanella Di. **Curso de Direito Administrativo**. 25ª. Ed., São Paulo: Atlas, 2012.

Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: **Ministério da Saúde**, 2006.

ROCHA, Herivelto Fernandes Rocha & FERNANDES, Bernardo Mançano. **Análise e mapeamento dos tipos de assentamento no Brasil**. FAPESP, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.